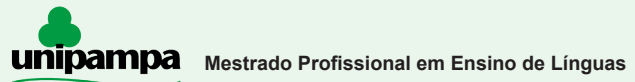
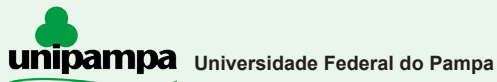


Produto pedagógico requisito do Mestrado
Profissional no Ensino de Línguas

Jaqueline Daniela da Rosa
Graduada em Geografia/Licenciatura
Dezembro de 2016



**Para iniciar clique
aqui e arraste**



Unidade Didática

Os multiletramentos no ensino do município em Geografia:
uma prática interdisciplinar utilizando fotografia e escrita

Jaqueline Daniela da Rosa
Graduada em Geografia/Licenciatura
Dezembro de 2016

Apresentação

Esta Unidade Didática foi produzida como produto pedagógico da dissertação de Jaqueline Daniela da Rosa, componente obrigatório apresentado ao Programa de Mestrado Profissional no Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA.

Sendo uma proposta voltado ao ensino de crianças, este material destina-se a professores de anos iniciais do Ensino Fundamental I e tem como objetivo a proposta de atividades (aulas) organizadas em quatro unidades voltadas ao estudo do município de Bagé-RS na Geografia integrada à área das linguagens (Língua Portuguesa). Cada unidade está organizada com atividades que buscam desenvolver através dos multiletramentos (verbal, visual, digital e cartográfico) o trabalho com o tema lugar e município.



Cristiano Lameira



Na Unidade 1 “*O meu lugar no mundo: Bagé*”, o aluno é convidado a conhecer o conceito de lugar, explorando seu significado e refletindo sobre as características e peculiaridades do município. As atividades exploradas nesta primeira etapa buscam a leitura, a oralidade, a escrita e o trabalho com o tema em uma escala não fragmentada e hierarquizada. Neste sentido, o aluno é levado a pensar o lugar onde vive, a realizar atividade de pesquisa na internet, localizações e leitura de mapas e a interpretar imagens. Estas atividades iniciais foram planejadas objetivando não apenas a abordagem em uma perspectiva local, mas global, percebendo que Bagé faz parte do mundo, que os lugares diferenciam-se entre si, mas ao mesmo tempo têm semelhanças e relacionam-se.

Na unidade 2, o tema a ser desenvolvido é “Imagem é tudo: conhecendo Bagé através da fotografia”. Nesta segunda etapa, o aluno reconhece a importância da fotografia para o município de Bagé através da história de fotógrafos locais, além de ter contato com o gênero textual reportagem. O foco principal da unidade é o trabalho coletivo entre professor-pesquisador e o fotógrafo Cid Magdar Marinho, também colaborador do jornal Folha do Sul de Bagé, em duas etapas: a primeira leva o aluno a conhecer a história da cidade através de fotografias antigas e receber noções básicas de como fotografar, utilizando câmeras e celulares. Na segunda etapa, o objetivo é realizar uma prática com o aluno no bairro, utilizando a fotografia.

Na unidade 3, organizada em dois subtítulos, “O gênero entrevista: uma proposta de ensino” e “Pessoas de Bagé: uma prática envolvendo entrevistas e fotografias”, as atividades são desenvolvidas em formato de oficina com a colaboração dos jornalistas e idealizadores da página “Pessoas de Bagé”: Felipe Laud e Giuliana Bruni. Primeiramente, o aluno conhece a página através do Facebook (página destinada a mostrar pessoas da cidade e suas histórias) familiarizando-se com o gênero entrevista. Posteriormente, as atividades são desenvolvidas para produzir e realizar uma entrevista em aula, conhecendo as características do gênero, além de realizar dramatizações e simulação de uma entrevista com utilização de áudio. Finalizando a unidade, o foco é o estudo de biografias e produção de entrevista direcionada à relação do entrevistado com a cidade de Bagé.

E por fim, na unidade 4 “Entrevistadores em ação”, “A retextualização na entrevista” e “Produzindo o mapa conceitual da aprendizagem”, o foco é o trabalho de campo com o aluno desenvolvendo a prática abordada em sala de aula realizando as entrevistas produzidas em grupo com uso de gravação. Finalizando a proposta, a culminância do trabalho ocorre com o processo de retextualização das entrevistas (passando as respostas do entrevistado da modalidade oral para a escrita) com escuta de áudio. Como avaliação das atividades, é proposta ao final da unidade produzida a produção de um mapa conceitual da aprendizagem através do trabalho em grupo.

Unidade 1:

O meu lugar no mundo: Bagé



Momento 1

1. Visitação: exposição “Os lugares no mundo”



Tempo estimado
de 50 min

Esta atividade inicial será realizada em ambiente especial (sala de aula ou auditório), devidamente preparado para os alunos como se fosse uma galeria com exposição de fotos (organizada pela professora previamente). Os alunos serão convidados a visitarem a exposição intitulada “Os lugares no mundo”, onde observarão imagens de diferentes lugares, sendo as mesmas agrupadas por temáticas variadas (os lugares e o frio, o comércio nos lugares, as pessoas e os lugares, etc). Serão contempladas imagens de Bagé para que as crianças façam relações de diferenças e semelhanças entre sua cidade e os demais lugares. Esta atividade será realizada em grande grupo, onde todos possam percorrer a exposição guiados pela professora. É muito importante solicitar aos alunos que façam anotações durante a visita à exposição para socializarem suas observações posteriormente.



Foto: Cristiano Lameira

Bagé

Foto: Leonid Streliaev

Gramado



Momento 1

2. Roda de conversa guiada



Tempo estimado
de 20 a 25 min

Após a exposição, ao retornarem à sala de aula, organiza-se a turma em um círculo onde será realizada uma roda de conversa dirigida. Nesta atividade, o objetivo principal é possibilitar a socialização das crianças de suas percepções em relação às imagens, procurando fazer com que todos os alunos participem com colocações. Sugere-se como socialização da visita às seguintes questões a serem abordadas com os alunos:

O que acharam das imagens observadas?

Vocês conheciam pessoalmente, ou através de imagens e pela tv, alguns dos lugares que vimos?



OBS: É possível surgirem outras questões pertinentes a serem exploradas com os alunos durante a roda de conversa.

- O que mais chamou sua atenção nas imagens observadas?
- É possível conhecer um lugar através de imagens?
- Vocês perceberam que muitos lugares apresentam grandes semelhanças com Bagé? Quais?
- Vocês já haviam alguma vez pensado que sua cidade (Bagé) apresenta semelhanças com outros lugares?
- E quais as principais diferenças que existem entre os lugares no mundo?
- Pelas imagens observadas, o que podemos conhecer sobre a cidade de Bagé?

Momento 1

As imagens de Bagé utilizadas nesta atividade foram retiradas da internet e de arquivo pessoal, bem como selecionadas observando critérios. A exposição será organizada por temáticas juntamente com outras imagens também retiradas da internet com o mesmo critério. O objetivo desta seleção de imagens é levar o aluno a fazer a leitura e interpretação de imagens, a observar características de Bagé em uma escala local e global, a compreender que seu lugar (Bagé) relaciona-se com outros lugares através de semelhanças e diferenças e que estas, são responsáveis pelas peculiaridades existentes. Os temas serão acompanhados de texto explicativo. A seguir, alguns temas propostos:



Fotos: Cristiano Lameira

As paisagens
As pessoas
O comércio
As construções
As praças
As pontes

As ruas e avenidas
Os problemas urbanos
Os festivais e a cultura
As Escolas e uniformes
O frio
A organização espacial

Os pórticos
Os coretos
Os transportes
Obs: podem ser utilizados outros temas

Momento 2

1. Localizando Bagé e outros lugares em mapas e globo terrestre

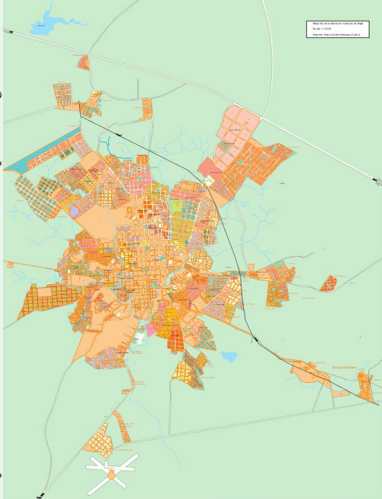


Tempo estimado:
35 min ou mais



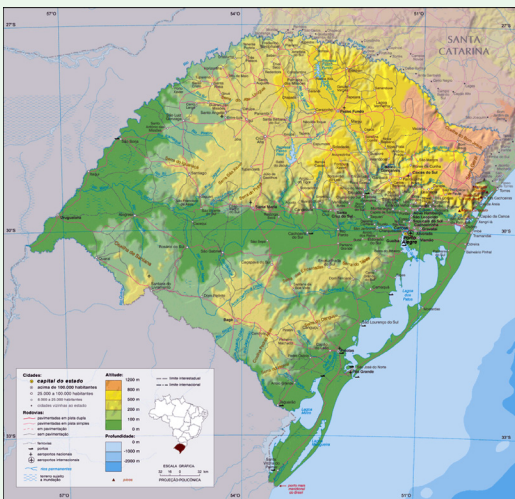
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bag%C3%A9>

<http://www.slideshare.net/Colorado2008/mapa-de-bage>



Agora o momento será de localização. Esta atividade será realizada em sala de aula com os alunos distribuídos em pequenos grupos. Estarão dispostos na sala: mapa urbano de Bagé, mapa do RS, mapa mundi e globo terrestre. Cada aluno receberá em cópia o mapa da área urbana da cidade e o mapa das áreas limites com outros municípios (fonte: Bagé, nossa história, nossa gente, nossa vida de Maria José A. Collares). Primeiramente, serão explorados os mapas em cópias destacando a área do município. Em seguida, os grupos trabalham em forma de rodízio (a um sinal combinado deverão trocar com outro grupo). Desta forma, devem localizar Bagé e alguns dos lugares observados na exposição (mapa do RS, mapa mundi e globo).

Obs: É extremamente importante o acompanhamento do professor nos grupos com questionamentos relacionados aos lugares, distâncias, características que conhecem e explicações sobre a linguagem cartográfica. Após, sugere-se que o professor novamente retome questões surgidas durante as localizações e faça um momento com explicações gerais aos alunos.



<http://www.brasil-turismo.com/rio-grande-sul/mapa-rodoviario.htm>

<http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm>



Momento 2

2. Produção de texto relatório



Tempo estimado de
40 min ou mais

O professor solicita como conclusão aos alunos, que produzam em seu caderno de estudo do município um texto (relatório) contando sobre a exposição e as localizações realizadas nos mapas e globo terrestre relatando o que observaram e aprenderam durante as atividades.

Obs: É importante antes da produção fazer uma retomada de tudo que realizaram durante as atividades propostas através de uma “memória” oral com os alunos.



Momento 3

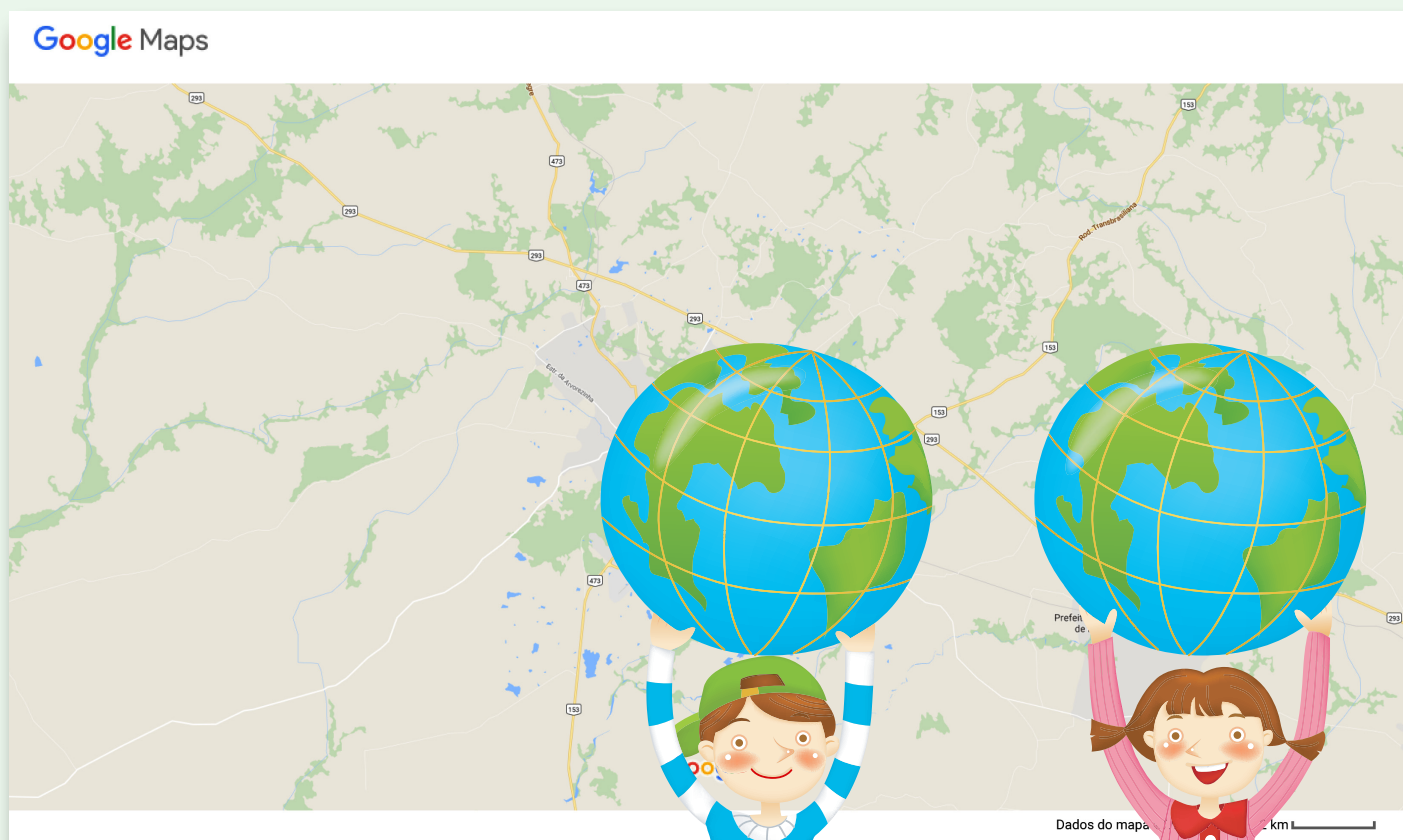
1. Localizações no Google Maps



Tempo estimado
de 50 min

Esta atividade será realizada no laboratório de informática no Google Maps. Os alunos realizam localizações de Bagé tendo como roteiro:

- Localizar a escola e o bairro
- Localizar o bairro onde moram
- Localizar o centro da cidade
- Localizar demais bairros
- Localizar os municípios vizinhos a Bagé



Obs: Para esta atividade é necessário o acompanhamento individual aos alunos realizando intervenções e orientações sobre como utilizar o Google Maps.

Momento 3

2- Pesquisa na internet: conceituando “lugar”

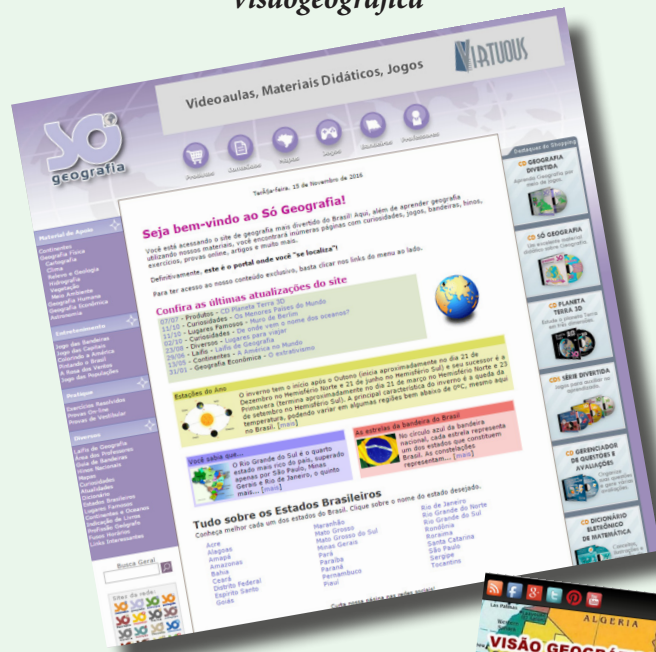


Tempo estimado de 30min ou mais

Esta atividade é proposta no laboratório de informática onde os alunos deverão realizar uma pesquisa a sites (podem também ser proporcionados livros de Geografia que contemplem o tema) para que registrem diferentes conceituações sobre o que é lugar. É importante que o professor selecione previamente alguns sites de pesquisa acessíveis para a criança e relacionados à Geografia, orientar sobre palavra-chave a ser digitada e levar os alunos a buscar significados os quais entendam e que sejam possíveis de serem explicados. Também é importante conduzir os registros da pesquisa orientando-os para que citem a fonte (site, texto ou livro). Os registros da pesquisa deverão ser feitos no caderno de estudos do município.

Observação: A pesquisa com conceituação de lugar será utilizada na exposição de fotografias do bairro a ser realizada na unidade

2. Sugere-se como sites de busca: *brasilecola, mundoeducacao, sogeografia, visaogeografica*



<http://www.sogeografia.com.br/>



<http://visaogeografica.com/>



<http://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/>

Momento 3

3. Socializando a pesquisa sobre lugar



Tempo estimado
de 20 min

Esta atividade é realizada posteriormente à pesquisa em sala de aula. Os alunos agora terão a oportunidade de socializar a pesquisa com diferentes conceituações sobre lugar.



Observação: esta atividade de pesquisa com conceituação de lugar será utilizada na exposição de fotografias do bairro a ser realizada na unidade

2. Sugere-se como sites de busca:
brasilescola, mundoeducacao, sogeografia, visao geografica

Momento 4

1. Leitura de poema e letra de música



Tempo estimado de
40 min ou mais

Esta atividade será a leitura de um poema e de letra de música selecionados para a unidade, pois contemplam uma boa integração entre a Literatura e a Geografia. A proposta é realizar a leitura e interpretação de partes selecionadas do poema “O lugar” (extraído do livro “Geografia em poesias, tempos, espaços e pensamentos”) e da letra da música “Bagé, terra da gente” de Roberto Madureira Burns (extraída do livro “Bagé, nossa gente, nossa vida”). Os textos deverão ser entregues aos alunos em cópias. Também será realizado o trabalho de análise de palavras e expressões desconhecidas pelas crianças durante a leitura. É proposto como roteiro de interpretação do poema e da música questões que busquem a reflexão sobre a organização do espaço e do lugar, mostrado pelos dois textos e que possam também levar à reflexão, relacionando com as imagens observadas na exposição:

Do que trata o poema “Lugar” e letra da música “Bagé, terra da gente”? Ambos apresentam semelhanças? Quais?

O poema apresenta alguns elementos que o autor diz serem próximos e amigos: os pássaros, os riachos, entre outros. Que elementos vocês destacam no lugar onde vivem que vocês gostam e que podem ser considerados especiais?

Pensando nas imagens que vimos na exposição, que elementos existem em outros lugares do planeta e que são comuns e quais elementos existem apenas em Bagé?

O poema traz a ideia de simplicidade, ou seja, uma vida em harmonia e felicidade no lugar em que vivemos. É possível viver assim em Bagé?

A letra da música de Mário Madureira Burns traz a ideia de progresso para a cidade. O que é progresso na opinião de vocês? Que coisas ele aponta na música necessárias ao progresso de Bagé?

Será que o progresso ocorre da mesma forma em todos os lugares? Na opinião de vocês, quais as imagens vistas na exposição mostravam um progresso positivo?

Relembrando as imagens observadas durante a exposição, quais são as coisas boas que o progresso traz para Bagé? E quais são as coisas ruins?

O título da música diz que Bagé é terra da gente. No que você pode contribuir para que Bagé seja sua terra e tenha um progresso positivo?



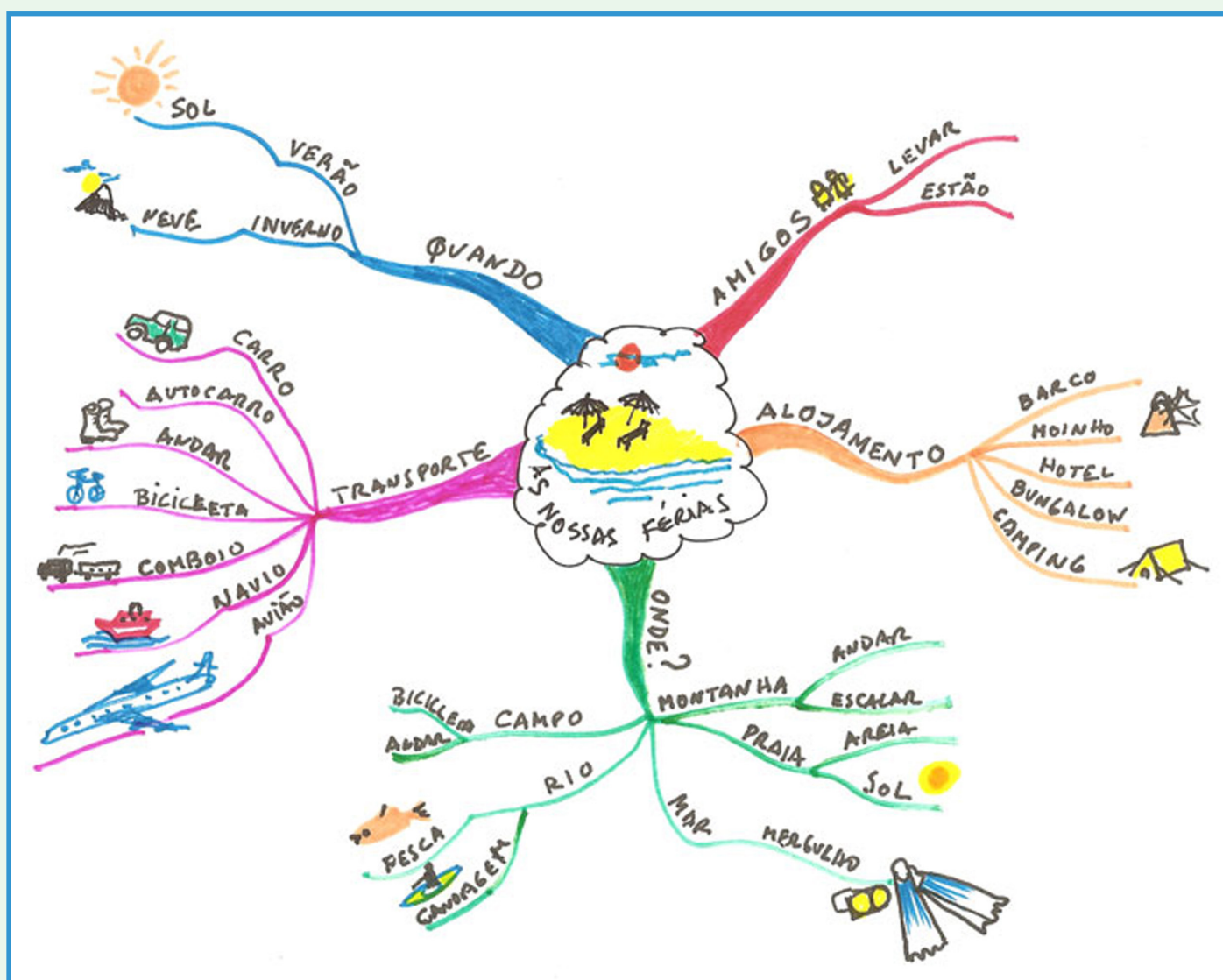
Momento 5

1. Dinâmica: imaginando o lugar (Bagé)



Tempo estimado
de 15 min

Esta atividade tem como objetivo levar os alunos a conhecerem os mapas mentais. Inicialmente, será solicitado que façam um exercício de imaginação dos elementos citados no poema trabalhado e na letra da música com os olhos fechados. A professora poderá ir falando sobre os elementos presentes nos textos trabalhados. Em seguida, o mesmo exercício será realizado imaginando o lugar onde vivem diariamente: a casa, o bairro, o trajeto até a escola, a família, os amigos, a vida na cidade etc.



Fonte: http://www.homeos.pt/cursos_online/curso_Mapas_Mentais_online/Curso_mmentais_MM5_4.4.html

Momento 5

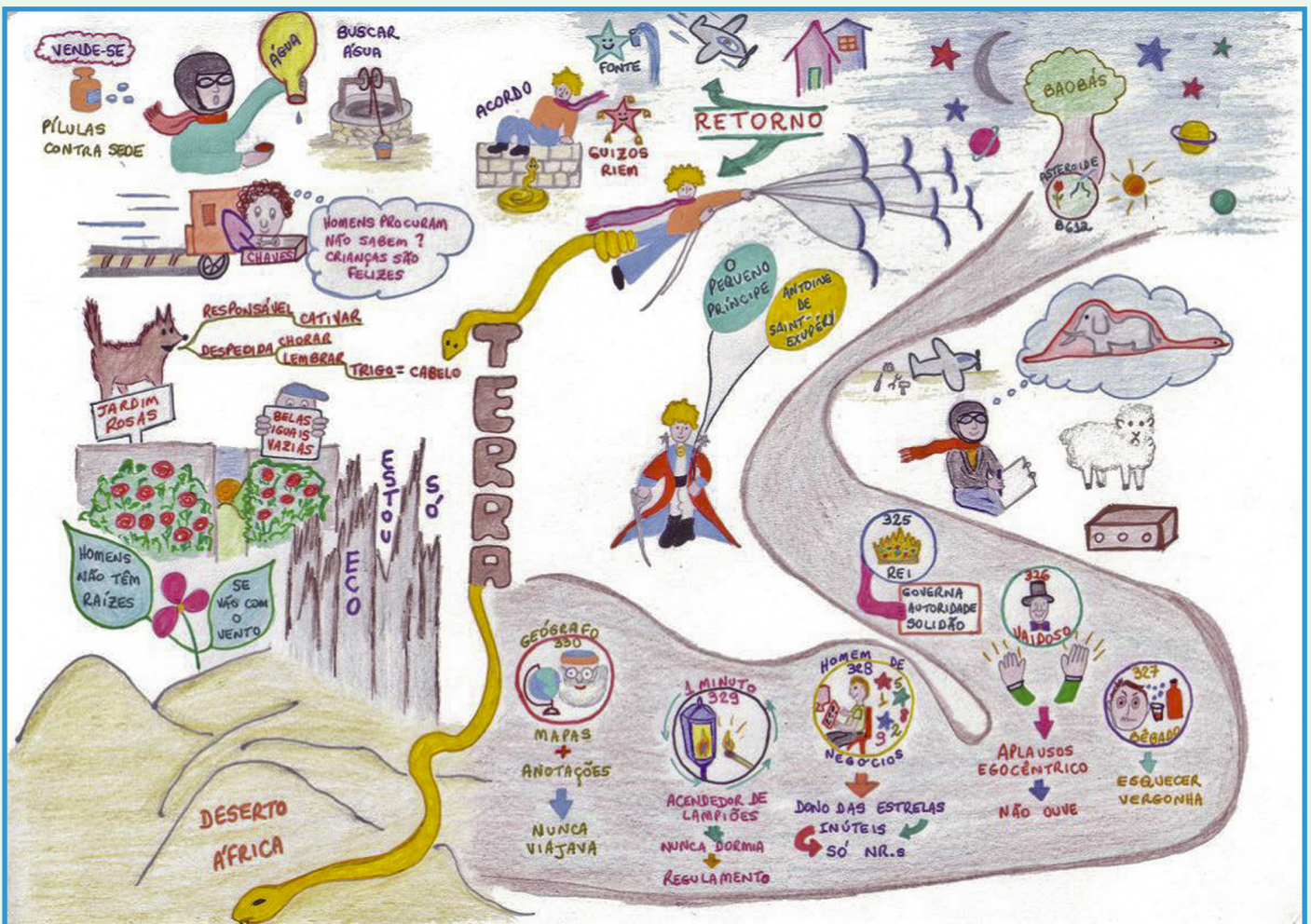
2. Produzindo um mapa mental



Tempo estimado:
50 min ou mais

Esta atividade é sequência da atividade anterior. Após o exercício de imaginação a proposta é conhecer um mapa mental. A professora explicará aos alunos o que são mapas mentais, o que devem conter e que podemos mapear mentalmente qualquer assunto. Para esta atividade, propõe-se para os alunos a produção de uma mapa mental de memória. Para entender melhor como produzir um mapa a partir de sua memória sobre o lugar em que vive, será distribuído aos alunos dois exemplos de mapas mentais ilustrados e sete passos para a produção dos mesmos (material reproduzido em cópias). Em seguida, o próximo passo consiste em produzir um mapa mental com o tema “Bagé, o meu lugar”. Após explorar o material impresso com os alunos (que também pode ser visualizado através de slides para melhor observação de detalhes), os alunos deverão criar seu mapa mental ilustrado, observando o material recebido para a produção.

Anexo 2



Fonte: (BOVO e HERMANN, 2005, p. 6)

Unidade 2:

Imagem é tudo: conhecendo Bagé através da fotografia



Momento 1

Leitura de reportagens: conhecendo os fotógrafos de Bagé



Tempo estimado de 20 min para leitura e 40 min para apresentações

Aqui o objetivo é conhecer a história da fotografia em Bagé através de reportagens sobre os primeiros fotógrafos na cidade, publicadas no jornal Folha do Sul, nas edições apresentadas nos links. As reportagens foram produzidas pelo fotógrafo e jornalista Cid Magdar Marinho. Pretende-se apresentar o trabalho dele através destas reportagens para que os alunos conheçam antecipadamente um pouco da temática sobre fotografia em Bagé, sendo o objetivo maior levar os alunos a refletirem sobre a importância da fotografia para a história de Bagé. Os textos serão impressos e entregues a duplas de alunos para que leiam e apresentem a reportagem aos colegas de forma oral. Após, faz-se um momento de discussão sobre as reportagens, analisando a evolução da fotografia nos dias atuais e sua importância para a cidade. Será abordada também a presença de elementos naturais e culturais presentes nas imagens.

<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/16/bage-e-seus-antigos-fotografos>



<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/13/bage-e-seus-antigos-fotografos>



<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/14/bage-e-seus-antigos-fotografos>

<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/11/bage-e-seus-antigos-fotografos>



<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/15/bage-e-seus-antigos-fotografos>



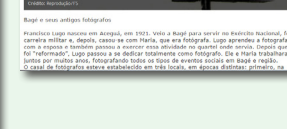
<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/21/bage-e-seus-antigos-fotografos>



<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/22/bage-e-seus-antigos-fotografos>



<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/23/bage-e-seus-antigos-fotografos>



<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/18/bage-e-seus-antigos-fotografos>



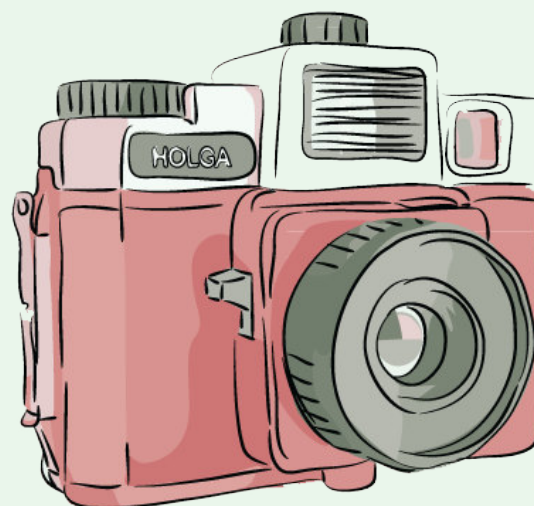
<http://www.jornalfolhadosul.com.br/noticia/2015/07/17/bage-e-seus-antigos-fotografos>

Momento 2

1- Oficina sobre fotografia



Tempo estimado
de 3 a 4 horas



A ideia aqui é realizar a aula em formato de oficina divididas em três momentos. No primeiro momento, os alunos conhecerão o fotógrafo Cid Magdar Marinho, convidado a trabalhar nesta unidade. Primeiramente, as crianças conhecerão o acervo particular de fotos antigas de Bagé, as quais serão expostas em sala. O fotógrafo abordará de forma expositiva dialogada a história de Bagé, contada através das fotografias e a importância das pessoas na formação da cidade. Os alunos também podem explorar as fotografias com questionamentos.

Em um segundo momento, propõem-se aos alunos um trabalho voltado à técnicas para produção de fotografias. Serão trabalhados o uso de celulares e câmeras digitais, recursos e linguagem fotográfica (luz, foco, enquadramento, etc.)

E, finalizando a oficina, em um terceiro momento, será realizada uma prática com uso de celulares ou câmeras trazidas pelos alunos (a ser combinado e autorizado pelos responsáveis antecipadamente). A prática será realizada no bairro onde está localizada a escola São Pedro em Bagé. Para esta prática serão necessárias autorizações.



Momento 2

Sugestões de pontos a serem fotografados: praça Santos Dumont, avenida Santa Tecla, rodoviária, igreja São Pedro, prédio da escola, rotatória principal, casas nas proximidades.

2. Organizando uma exposição de fotografias do bairro

Os alunos farão a seleção de algumas fotos feitas no bairro, as quais serão expostas na escola para visitação de outras turmas a uma exposição. Nesta atividade serão também expostas as pesquisas sobre o tema lugar realizada na internet e digitada pelos alunos. Sugere-se que a mesma seja combinada com a turma e organizada por todos os alunos e docente com combinações de data e horários de visitações.

Cristiano Lameira



Av. Santa Tecla

Unidade 3

*O gênero entrevista:
uma proposta de ensino.
Pessoas de Bagé: uma
prática envolvendo
entrevistas e fotografias*



Momento 1

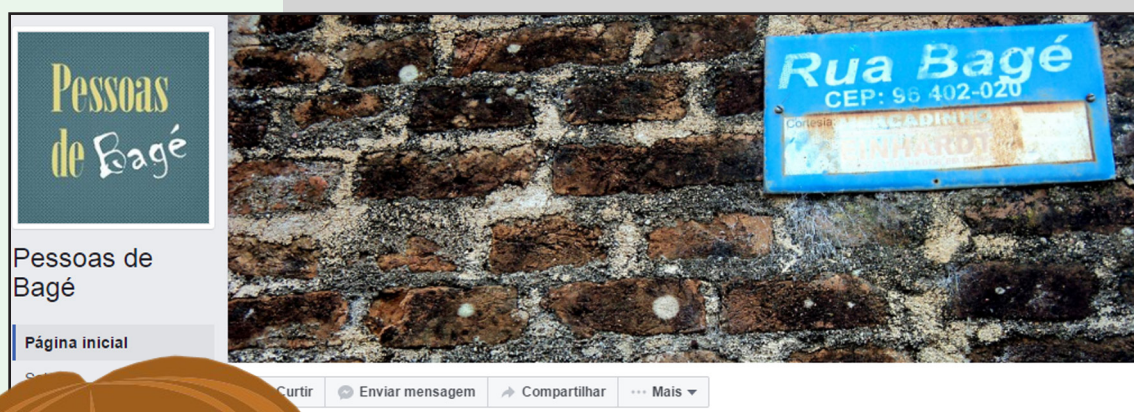
Conhecendo a página no Facebook “Pessoas de Bagé”



Tempo estimado:
35 min

Esta atividade será realizada no laboratório de Informática e consiste em levar os alunos a conhecerem a página Pessoas de Bagé na internet. A página é formada por fotos de pessoas comuns da cidade e entrevistas com as mesmas. Os alunos, primeiramente vão receber informações sobre os criadores da página: Felipe Laud e Giuliana Bruni. Em seguida, devem acessar a página na internet (Facebook), onde deverão conhecer as entrevistas realizadas e a organização dos textos em formato de entrevista e com fotografias do entrevistado.

Disponível em: <https://www.facebook.com/Pessoas-de-Bagé>.



<https://www.facebook.com/Pessoas-de-Bagé>.

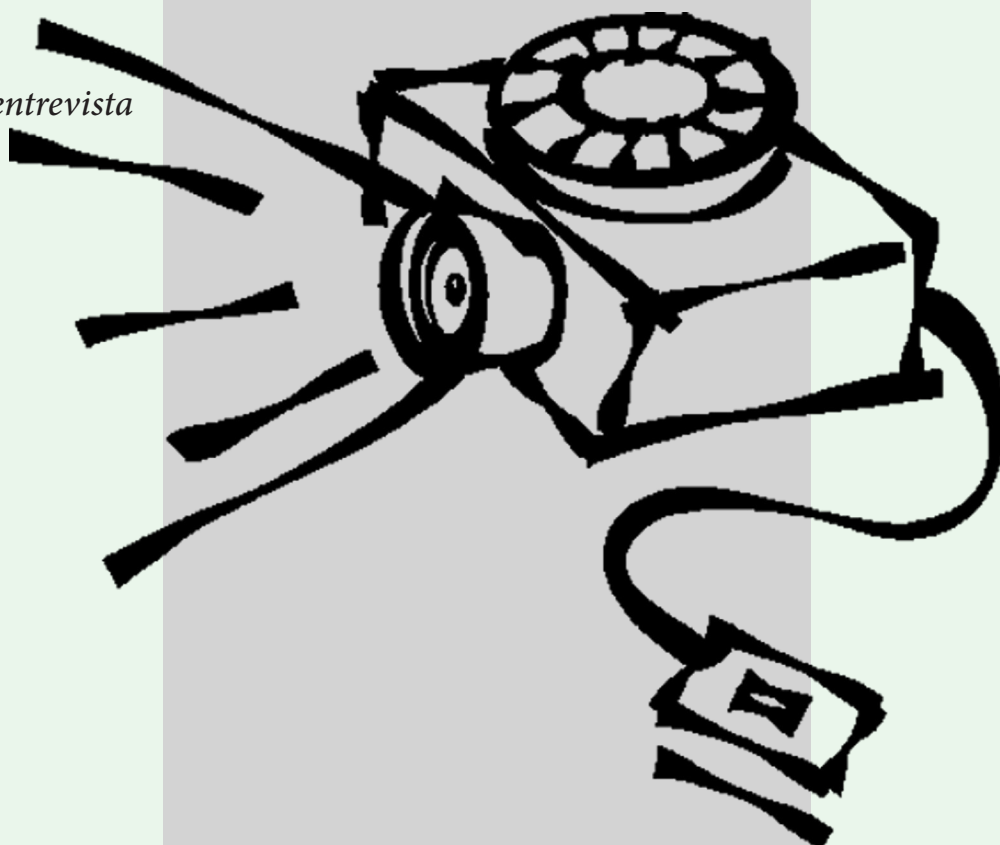


Momento 2

1. Oficina sobre o gênero entrevista



Tempo estimado
de 3 a 4 horas



Esta atividade constitui o primeiro momento da oficina voltada ao trabalho com o gênero entrevista. Após conhecer a página “Pessoas de Bagé”, os alunos receberão uma oficina com ambos voltada ao gênero entrevista. Para a primeira parte da oficina, propõem-se que as atividades sejam realizadas com os alunos dispostos em círculos para que seja criado um ambiente mais descontraído. Osicineiros convidados darão início às atividades que serão divididas em três etapas:

Discussões, slides e vídeos sobre a produção de entrevistas.

Produção de uma entrevista com colega.

Simulação da entrevista com uso de gravador.



Momento 2

Questões a serem trabalhadas na primeira etapa:

Questionamentos aos alunos sobre o significado de entrevista e palavras-chave ditas pelas crianças.

Slides e vídeos com conceitos e tipos de entrevista (pingue-pongue, perfil, entrevista em profundidade e dialogal).

Contato pessoal para o sucesso da entrevista ou outras condições de produção do jornalista (outros meios).

Objetivos da entrevista e fonte.

Pré-produção das entrevistas (entrevista como uma conversa, uma técnica).

Respeito e ética na entrevista.

Dicas de como montar um roteiro.

Etapa 2:

Os oficinairos vão entregar uma folha para cada aluno e pedir para eles preencherem uma ficha com nome, idade, cidade onde nasceu, bairro onde mora, com quem da família mora, qual a profissão dos pais ou responsáveis e dos irmãos (se tiver), qual matéria mais gosta na escola e por que e qual a profissão que ele deseja ter quando crescer. A intenção dessa atividade é que os alunos escrevam um resumo de sua vida para depois servir de material de apoio para os colegas os entrevistarem. Tempo estimado: 15 min

Etapa 3:

Os oficinairos vão pedir para os alunos se reunirem em duplas e vão distribuir as fichas dos colegas para eles os entrevistarem. A intenção é que a dupla possa experimentar tanto a função de entrevistador como de entrevistado. Os alunos terão 10 minutos para lerem a ficha e elaborarem quatro perguntas para o colega. Depois disso, os oficinairos vão disponibilizar gravadores para os alunos entrevistarem os colegas. A atividade vai permitir que os alunos possam interagir com os colegas e assim possam praticar o que foi explanado para poderem se preparar para entrevistar as personalidades de Bagé.

OBS: Sugere-se elaborar um programete de rádio sobre a entrevista dos alunos na sala de aula (gravada) e apresentar em alguma outra oportunidade.

Observação: em anexo estão dispostas as referências e conceitos utilizados pelos oficinairos para as atividades desenvolvidas

Momento 3

1. Produzindo uma entrevista a partir de biografias



Tempo estimado de
2 horas (ou mais)

Esta atividade tem como objetivo preparar os alunos para a produção de uma entrevista com pessoas pré-selecionadas após as oficinas ocorrerem. As pessoas escolhidas para as entrevistas moram e trabalham em Bagé, tendo uma relação com a cidade onde construíram suas histórias de vida. Os alunos primeiramente irão conhecer as biografias destas pessoas (texto elaborado anteriormente, de autoria pessoal e digitado). Os entrevistados, anteriormente foram contatados assinando termos de participação e aceitando serem entrevistados e fotografados pelos alunos. Esta atividade será realizada em sala de aula, em duplas, onde cada uma receberá uma biografia para ler e apresentar aos colegas.

Em seguida, os alunos devem produzir uma entrevista que será realizada com o autor da biografia tendo como base o material recebido na oficina de entrevistas. As questões serão elaboradas em formato de roteiro com perguntas direcionadas principalmente à vida cotidiana e à relação entre o entrevistado com Bagé. Para esta atividade é necessária uma consulta ao material recebido na oficina e uma orientação da professora com as questões elaboradas a partir da biografia trabalhada.



Após a produção do roteiro em formato de questões, os alunos deverão corrigir a ortografia e verificar se as questões contemplam as dicas e passos fornecidos pelos oficinairos: Felipe Laud e Giuliana Bruni.

Momento 3

2. Ensaizando a entrevista



Tempo estimado
de 30 min

Após a produção do roteiro de perguntas, o próximo passo é ensaiar a entrevista com o colega. De posse das perguntas, os alunos terão tempo disponível para ensaiar o trabalho a ser realizado, contemplando desde a postura, o cumprimento ao entrevistado, o início da entrevista com uma breve apresentação do entrevistador e do trabalho que estão realizando em sala (esta apresentação não pode ser lida). Também é necessário que os alunos esquematizem como serão realizadas as fotos do entrevistado.



Unidade 4

Entrevistadores em ação

A retextualização da entrevista

Produzindo um mapa conceitual da aprendizagem



Momento 1

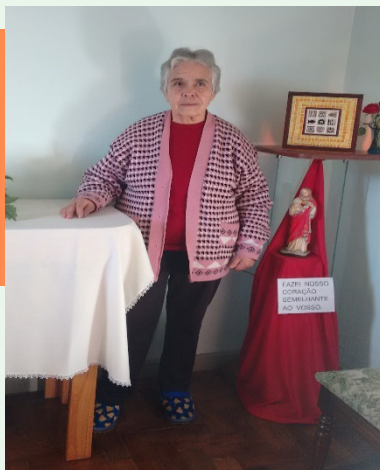
1. Esta atividade constitui um dos momentos mais importantes das aulas, sendo realizada como trabalho de campo. Os alunos realizarão as entrevistas com as pessoas selecionadas (por duplas) deslocando-se ao encontro do entrevistado para que seja mais rica a produção e a interação com o entrevistado. As entrevistas ocorrerão de forma gravada pelos alunos (em celulares). Deve-se observar os seguintes passos antes da atividade:



- Selecionar os entrevistados antecipadamente pedindo autorização de imagem e voz e termo de esclarecimento do trabalho.
- Solicitar a biografia do entrevistado para que o aluno conheça dados da pessoa antecipadamente.
- Combinar com o entrevistado data, local e horário das entrevistas. Solicitar autorização dos pais para possível saída do aluno da escola em seu turno ou turno oposto conforme disponibilidade.
- Organizar o roteiro de entrevistas com os alunos (locais) e deslocamento dos mesmos, definir com a organização da escola a melhor maneira de executar a entrevista, bem como o fator transporte (em caso de necessidade)

Momento 1

Para as entrevistas dos alunos foram selecionadas pessoas com diferentes atividades e perfis, que residem no município de Bagé e apresentem possíveis relações de vida com a cidade:



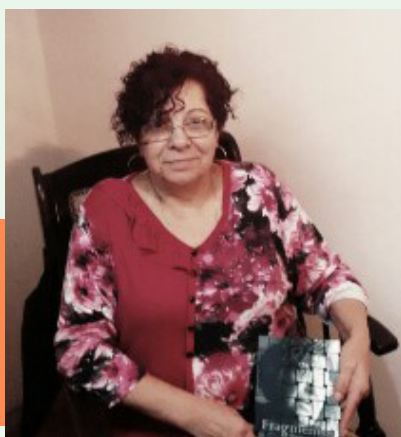
Irmã Joanita
(ligada a serviços comunitários no bairro Ivo Ferronato)

Luiz Carlos Deibler (antigo vereador da cidade)



Luciana Maidana
(psicóloga e coordenadora de um centro de Umbanda)

Anexo 3



Marilene Alagisa Azevedo
(escritora e coordenadora dos artesões de Bagé)

Valesca Brasil Irala
(professora na Universidade Federal do Pampa e idealizadora do brechó pró-cães)



Paulo Ferreira
(locutor de comerciais para rádio)



Ricardo Belleza
(músico e compositor)



Adriana Gonçalves Ferreira
(coordenadora do centro histórico Santa Tereza)

Obs: não é possível definir nesta atividade tempo e data específica, pois depende de combinações com o entrevistado e autorização dos responsáveis nos horários de saída do aluno.

Momento 2

Retextualização da entrevista



Tempo estimado
de 3 horas

Nesta atividade os alunos realizam o processo de retextualização da entrevista realizada, ou seja, a reescrita passando da forma oral para a forma escrita em formato de rascunho. Para esta atividade de retextualização objetiva-se que os alunos escutem os áudios das gravações e possam adaptar as respostas dos entrevistados de maneira que as respostas sejam apresentadas utilizando pontuação adequada, correções necessárias à forma escrita. O acompanhamento durante a reescrita é fundamental, principalmente no sentido de realizar interferências necessárias na produção.

Obs: esta atividade poderá ser realizada em duas etapas, ficando a critério do professor a melhor disposição do tempo, pois é uma atividade que exige maior tempo para execução. Sugere-se a utilização do laboratório de Informática para digitação (caso seja possível). É importante estabelecer com os alunos o formato do texto a ser digitado, com fonte padrão. Pode-se também ser utilizado rascunho anteriormente para a produção da entrevista como um todo e após ser digitada.

Encerrando-se a organização da entrevista, inicia-se o processo de correção. As duplas deverão revisar os textos deixando-os da melhor maneira possível e em formato organizado, com auxílio do professor.



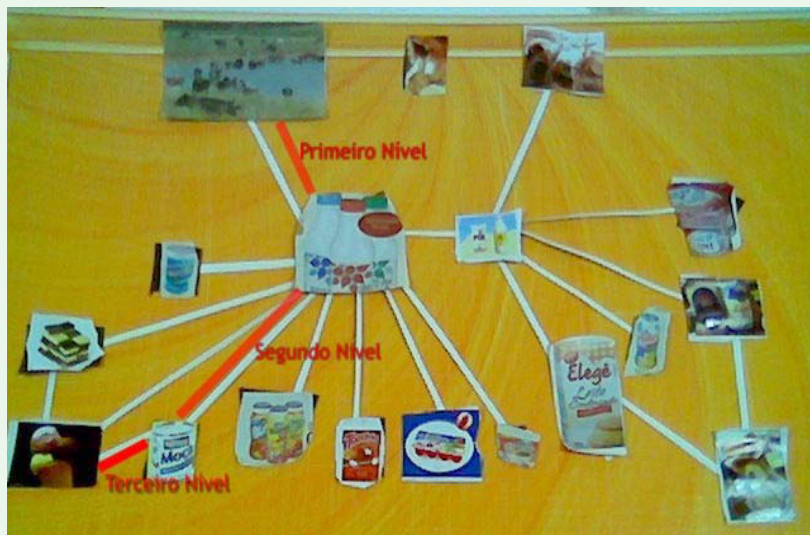
Momento 3

Construindo o mapa conceitual da aprendizagem



Tempo estimado
de 2 horas

Anexo 4

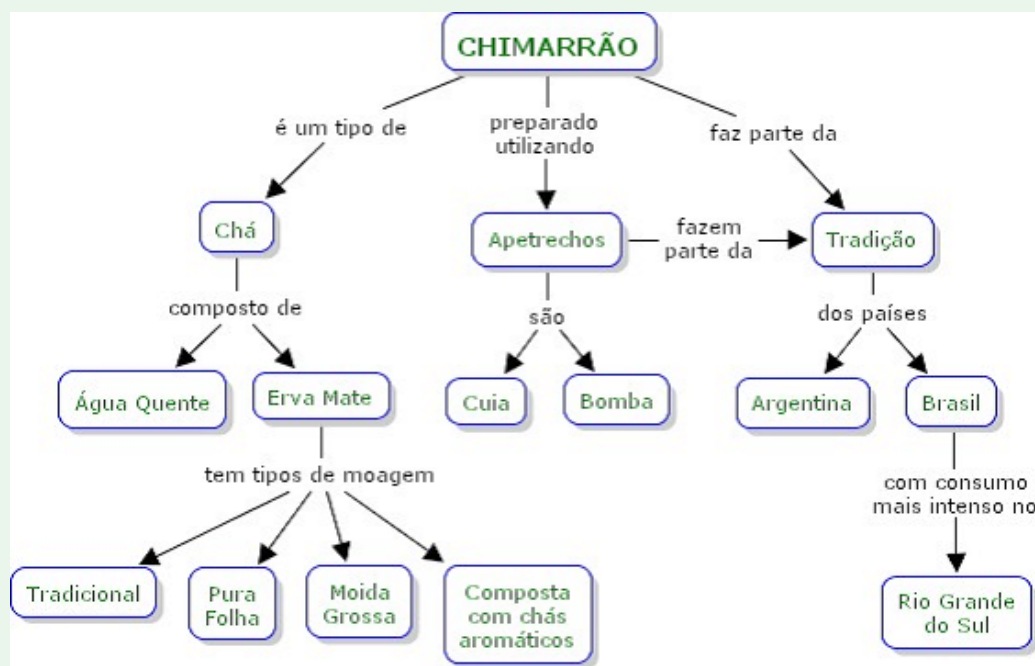


Representação dos três níveis do mapa conceitual ilustrado sobre “o leite”
(SILVA e GELLER 2007, p. 9)

E por último, realiza-se uma exposição dos mapas na sala com os alunos (em grupos) realizando a leitura e interpretação dos mapas produzidos pelos colegas.

Obs: é possível que estas últimas atividades levem mais tempo e exijam uma adaptação da professora (ocupação de duas aulas), pois os alunos precisam elencar conceitos, separar e analisar as imagens recebidas e discutir a aprendizagem, ou seja, o que e como ocorreu. Também pode-se adaptar esta atividade para uma apresentação oral dos mapas conceituais aos demais colegas.

Esta atividade é a culminância das unidades. Pode-se realizar com os alunos uma “memória” das aulas onde as crianças socializem o que aprenderam no decorrer das aulas e o que significou para eles. Os alunos recebem o material impresso com exemplos de mapa conceitual ilustrado “Do leite” e do “Chimarrão”, (diferenciando-o de mapa mental) nas explicações. Em seguida, recebem os passos para elaboração dos mapas (impressos). Em grupos de 4 alunos, serão fornecidos papel (cartolina), canetões, régua, cola, tesoura e outros materiais necessários para a produção de um mapa conceitual da aprendizagem. Também serão distribuídas aos grupos imagens (fotografias impressas) em tamanho pequeno de atividades realizadas (registros em fotos), para que os alunos tenham mais informações na construção e enriquecimento do seu mapa, mostrando-as. Também podem ser consultadas anotações e registros das aulas. Em cada grupo, individualmente, a professora deve explorar com os alunos os conceitos que irão utilizar (palavras-chaves) e contribuir com intervenções na utilização das imagens e escrita de informações.



Exemplo de mapa conceitual sobre Chimarrão
(por SILVA, Márcio R. M.) em (SILVA e GELLER 2007, p.4)

Anexo 1

O lugar

*Meu lugar é o meu paraíso se ali tenho o que
Preciso e o que tenho, por simples que seja
me faça viver, sonhar, sorrir e pra mim seja
algo de profundo prazer e porvir.*

*Falo do gosto na vida, de ter forças pra lutar,
Pra abraçar o rosto do amanhecer, da tarde, do
anoitecer e de todos os (inumeráveis)
próximos amigos,
alguns dos quais até apresento:
minha árvore, meus pássaros, meu riacho,
ou mesmo o singelo banco em que me sento
onde por vezes até, refletindo, me acho...*

*É o meu lugar, é onde tenho os melhores laços.
É ele o melhor amigo,
O nosso mais fausto e prazeroso abrigo,
que pode ser a casa, a rua a viela,
o boteco, a festa, ou mesmo a favela,
o roçado de trigo, o cavalo, a vaquinha amarela,
os pássaros, as galinhas, as ovelhas
e até o pôr do sol com seu matizado arrebol (...)*

*(...) o nosso melhor lugar
é o que dá forças pra gente não parar
mas sim, com fé, agarrar a lida,
e fazer o que a gente sente no peito,
fazer do nosso jeito o que gosto
mesmo que não dê conta
de decifrar as luzes
e os incontáveis embustes e embates da vida (...)*

*Adaptado e extraído do livro Geografia em poesias, tempos,
espaços e pensamentos de Luiz Carlos Flávio*

Anexo 1

BAGÉ, TERRA DA GENTE

Marcha

Letra e Música: Roberto Madureira Burns

*Nas torres mais energia,
Na terra mais produção,
Mais alegria no povo,
No governo mais ação;*

*Mais escolas, mais saber,
Mais casas para morar,
Mais estradas a percorrer,
Mais hospitais para curar.*

**BAGÉ, TERRA DA GENTE
QUE AO PROGRESSO DIZ PRESENTE
AMANHÃ, FUTURO SERÁ
TEMOS PRESSA EM CHEGAR
VAMOS PARTICIPAR E CONFIAR.**

*Tem alegria no ar,
Tem de civismo lições,
Tem um povo a cantar,
Tem amor nos corações.*

**BAGÉ, TERRA DA GENTE
QUE AO PROGRESSO DIZ PRESENTE
AMANHÃ, FUTURO SERÁ
TEMOS PRESSA EM CHEGAR
VAMOS PARTICIPAR E CONFIAR.**

*Para o futuro abrir caminho,
Formamos uma corrente,
Integrando com carinho
Bagé, a terra da gente.*

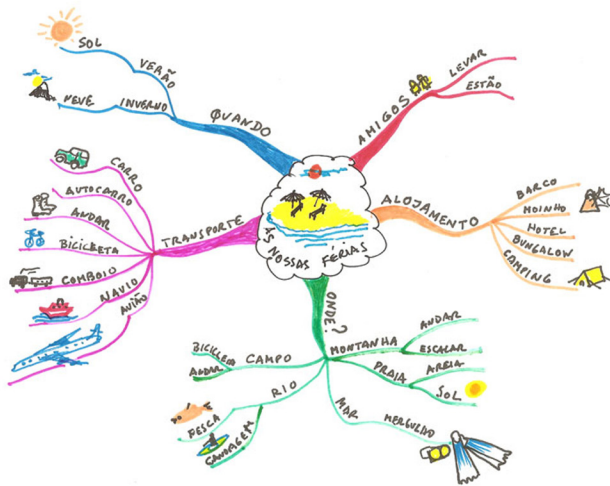
**BAGÉ, TERRA DA GENTE
QUE AO PROGRESSO DIZ PRESENTE
AMANHÃ, FUTURO SERÁ
TEMOS PRESSA EM CHEGAR
VAMOS PARTICIPAR E CONFIAR.**

Anexo 2

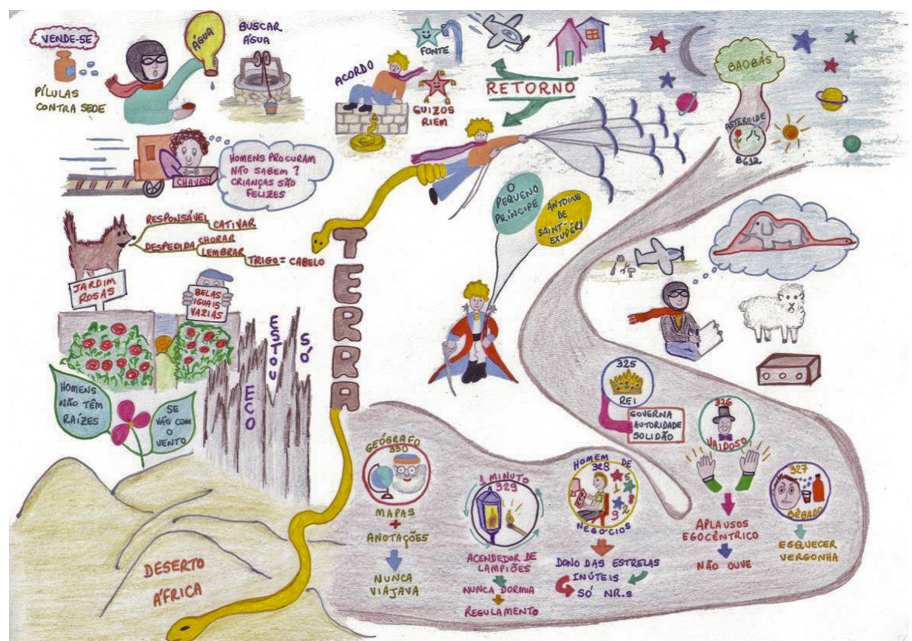
SETE LEIS PARA PRODUZIR MAPAS MENTAIS

1. Escolha o assunto de seu mapa. Inicie no centro da página, que deve estar em sentido paisagem (horizontal).
2. Use uma imagem para sua ideia central e coloque o título
3. Usar muitas cores.
4. Conectar os galhos principais à imagem central (sub tópico ao tópico central) e os galhos secundários aos galhos principais.
5. Fazer os galhos espalharem-se pela página e em curvas.
6. Use apenas uma palavra chave por linha.
7. Usar muitas imagens para ilustrar.

Fonte: adaptado de BUZAN (2000, apud CAMPOS 2012, p.8)



Fonte: http://www.homeos.pt/cursos_online/curso_Mapas_Mentais_online/Curso_mmentais_MM5_4.4.html



Fonte: (BOVO e HERMANN, 2005, p. 6)



OFICINA DE ENTREVISTA
MINI BIOGRAFIA

Qual seu nome completo?

Quantos anos você tem?

Em qual cidade você nasceu?

Em qual bairro você mora?

Com quem você mora?

Qual matéria você mais gosta na escola?

Qual matéria você menos gosta na escola?

O que você quer ser quando crescer?

O que você gosta de fazer nas horas de lazer (brincadeiras, passeios, entre outras atividades)?

Anexo 3



Entrevistado: Luiz Carlos Deibler

1. Vimos na sua biografia que foi um menino feliz, brincava de bolinha de gude, pandorgas e peão. Como o senhor vê a infância hoje? As crianças são mais felizes?

É uma pergunta interessante, sabe? Esse é um questionamento que a sociedade faz. Com o progresso nas tecnologias e nas ciências, hoje as crianças têm mais conforto e recursos. E isso faz com que as crianças sejam mais felizes? Aí eu acho que não. Antes elas tinham mais liberdade, brincavam mais com outras crianças. Hoje elas tem sua maneira de ser feliz, mas eu não acredito que sejam mais felizes que antigamente.

2. O senhor falou também sobre lugares em Bagé que já estão muito diferente de antigamente (como os banhos no arroio Bagé). Na sua opinião, como está Bagé hoje em relação a organização e qualidade de vida?

Eu acho que as camadas mais pobres, mais modestas da população, hoje tem mais qualidade de vida. Na pobreza, antes muitas pessoas passam muito trabalho. Hoje tem programas sociais e os governos tem uma forma de olhar mais para esta parte da população. Mas a vida aqui na cidade também está mais agitada. Antigamente tudo era bem diferente. As pessoas viviam com menos. Bagé não tinha tantos problemas como hoje. Tinha problemas daquela época e que agora ficaram piores porque cresceu a população. A vida exige mais das pessoas, a sociedade de consumo sempre tá oferecendo coisas e as pessoas precisam de dinheiro para isso.

3. Fale sobre uma experiência inesquecível quando foi professor na Urcamp de Bagé e em cursos de preparação para o magistério?

A experiência na Urcamp foi altamente confortadora e realizadora. Eu dei aula lá por 16 anos. A cada semestre as turmas não são anuais, os cursos são semestrais. Então a cada semestre eu tinha uma turma nova. E uma coisa que me deixava muito satisfeito na Urcamp e que mexia um pouquinho com meu ego era que os alunos iam lá na sala do reitor e diziam que queriam que o professor Luiz Carlos fosse o professor de Português. Isso foi uma coisa que marcou e me deixava muito feliz, mas também representava pra mim mais responsabilidade. Se eles queriam que fosse eu o professor teria que ser cada vez melhor.

4. O senhor teve uma vida política bem importante para nossa cidade. O que significou para o senhor receber o título de vereador emérito da cidade?

Quando me candidatei a vereador a primeira vez em 1988 eu era professor, dava aula de manhã e de tarde no colégio estadual. E de noite eu dava aula na Urcamp. E aí eu resolvi entrar na política. A partir daí, surgiu a minha candidatura a vereador. Me elegi vereador em 88 e fiquei doze anos sendo vereador. A minha experiência foi muito interessante. A política hoje está tão desprestigiada, tem muito envolvimento com corrupção. Mas no tempo em que eu fui vereador eu trabalhei com muita responsabilidade e com muita seriedade. Eu fui duas vezes presidente da câmara e nestas duas vezes fiz uma administração voltada para a comunidade com uma rigorosa seriedade para tratar a política.

5. Deixe uma mensagem para os futuros vereadores de Bagé.

O vereador exerce uma função importante. Ele é o representante de uma parcela da população e os que tem essa responsabilidade de representar a população tem que procurar representar da melhor maneira possível. E a melhor maneira possível é trabalhar com seriedade. Trabalhar realmente para atender os verdadeiros interesses da população.

Anexo 3



Entrevistado: Ricardo Belleza-músico

1. Como surgiu tua vontade de ser músico? Alguém te influenciou?

Meu pai e meu avô cantavam, cresci nesse ambiente musical. Gosto muito de música. O que me influenciou também foi coral da tia Tuca Colares no colégio Silveira Martins onde eu fiz o primário. Ali fui para o coral da tia Juca e comecei a cantar cedo.

2. Qual é o maior desafio de ser músico e estar ligado a vida artística em Bagé?

O maior desafio que tu passa é por causa das pessoas, um tipo de cultura que as pessoas não tem muito. As pessoas estão muito acostumadas com Bagé no nativismo e eu toco rock, pop rock. Mas o pessoal tem aceitado bem legal. Outro desafio foi o lance para ser reconhecido, como todo trabalho tem que se esforçar muito, tem que ter dedicação e disciplina.

3. Qual a melhor experiência que teve trabalhando como músico na cidade?

A melhor experiência que eu tive foram vários shows. A gente fazia shows para um público bem maior. Acho que a experiência também é ter muitos amigos e ter fãs. Quando a gente gosta do que faz sempre é uma experiência boa.

4. Se tivesse que escolher outra profissão qual seria?

Eu queria ser advogado, mas não consegui. Eu sou formado em publicidade também, mas não trabalho com isso.

5. Muitos dizem que quem trabalha como cantor, compositor não ganha muito dinheiro. O que você pensa sobre isso?

Olha, a profissão de músico não é muito fácil, mas não é só de dinheiro também que se vive. Tem o lado bom que é fazer o que gosta, mas por outro lado também tem as dificuldades como em qualquer outra profissão.

6. Você faz composições? Já compôs alguma música sobre Bagé? Tem alguma música sobre a cidade que tu gosta?

Olha, uma música sobre Bagé eu ainda não fiz. Gosto de várias músicas, aqui tem muita esta questão nativista. Quem sabe não faço ainda uma música falando sobre Bagé.

Anexo 3



Entrevistado: Paulo Ferreira-locutor

1. Nós lemos sobre você que um importante trabalho foi na rádio Calandra FM. O que isso trouxe de bom para ti e para Bagé?

Profissionalmente pra mim foi muito bom. Sempre fui apaixonado por rádio. O princípio de tudo na vida é fazer o que a gente gosta. Eu fiz rádio porque adoro rádio. Daí por diante várias portas se abriram. Trabalhei em jornal, em tv, sempre em comunicação e isso me abriu muitas portas. Tudo que eu queria aprender eu aprendi, por esforço próprio, por merecimento mas principalmente por gostar e ter prazer no que se faz. Não importa a profissão, tem que gostar, pois o ganhar bem é consequência.

2. O que te influenciou a trabalhar na tv Câmara da cidade? Como foi participar do surgimento dela na cidade?

Sempre que tu participa de algo que é novo, que não existe que vai nascer é algo muito bom, diferente e chama a atenção das pessoas porque é uma inovação. É bem o que falei no começo, é um desafio, desafio de fazer algo diferente e sempre dentro daquilo que eu gosto que é comunicação. A tv Câmara valeu muito a pena, surgiu em 2010 e de lá pra cá são 5 anos e neste tempo eu ainda faço parte da equipe da Tv.

3. Você consegue se imaginar em outra profissão? Conte.

Não. Gosto do que eu faço, tenho prazer. É o que me move. Na verdade eu já trabalhei em várias coisas sempre dentro do mesmo princípio da comunicação onde comecei em rádio. Trabalhei como locutor dentro da tv Câmara, mas sempre dentro do mesmo ramo.

4. Na sua opinião, o que falta para Bagé crescer mais em comunicação? Qual a importância dos meios de comunicação para a cidade?

Falta mais profissionalismo de quem faz comunicação, gente mais capacitada para o trabalho. Hoje não só na comunicação de Bagé, mas como em qualquer setor o que falta é gente preparada. Gostar é fundamental também. Se tu faz porque vai ganhar bastante dinheiro...esquece! Tu não vai te dar bem, a comunicação não vai ser boa, o resultado não vai ser bom.

5. Tens algum projeto de vida que deseja e que ainda não realizou ligado a comunicação?

Tenho o sonho de ter um veículo de comunicação onde eu faça aquilo que eu imagino que seja um padrão, uma referência em termos de comunicação. Este seria meu sonho: ter uma rádio própria. Minha intenção é um dia voltar para a rádio onde eu comecei.

Anexo 3



Entrevistado: Luciana Maidana

1. Lemos que por uma decisão do Superior Tribunal de Justiça em 2004 você e sua companheira adotaram 4 filhos. Qual foi o maior desafio nesta parte da tua vida?

O desafio foi desde o início porque o fato de nós sermos duas mulheres e na época ter uma lei que nos ajudasse na questão de adoção. Eles foram adotados no meu nome primeiro e depois nós corremos na justiça para que eles recebessem o nome da outra mãe, no caso o sobrenome da minha companheira. Conseguimos...tivemos algumas dificuldades, passamos algumas dificuldades mas graças a Deus a gente conseguiu.

2. Qual a importância e experiência vivida no teu trabalho como psicóloga no CRAS de Bagé de 2010 a 2013?

A importância, é a vivência com as pessoas. Tu acaba conhecendo realidades as vezes até bem diferentes das realidades que a gente costuma conviver. O CRAS é um centro de referência de assistência social. Eu trabalhava com uma comunidade bastante carente. Eu coordenava esta comunidade, tinha uma equipe com psicólogos, com assistentes sociais, com psicopedagoga. Desenvolvemos um trabalho bom em uma outra realidade. Agente procurava ajudar as pessoas naquilo que podia. Foi uma experiência muito boa.

3. Você sofre preconceito por ser ligada a religião afro-umbandista? Qual o maior desafio que enfrenta?

Preconceito existe né...é uma coisa que a gente enfrenta diariamente. Com relação a religião tem porque existem várias religiões e algumas pessoas (porque a culpa não é da religião, é das pessoas), algumas pessoas um tanto fanáticas às vezes acabam desconsiderando as outras religiões, tanto a minha quanto outras. E não vou dizer que não tenha pessoas fanáticas na minha religião também. Muitas vezes a gente acaba sofrendo porque as pessoas não têm entendimento, não têm conhecimento e acabam achando que a nossa religião só faz o mau, que trabalhamos com demônio, o que não é verdade. Tem coisas que são ditas até por ignorância, pois a gente procura sempre fazer o bem, fazer um trabalho comunitário. Eu procuro estar sempre falando para meus seguidores que não pode haver isso, tem que haver respeito.

4. Qual é a importância do teu centro de umbanda para a cidade de Bagé?

Olha, a importância para Bagé é que é um centro que atende muita gente, vem muitas pessoas que nos procuram para atendimentos e aconselhamentos. Eu posso dizer que eu uso um pouco da minha profissão aqui procurando ouvir as pessoas. De certa forma eu optei por não mais trabalhar com psicologia, mas eu uni uma coisa na outra. Nós temos moradores da cidade que se atendem aqui. Temos um trabalho em sábados pela tarde (um trabalho de, fazemos também um trabalho comunitário em determinadas épocas que para nós são datas comemorativas como 27 de setembro que é dia de Cosme Damiano onde vamos em asilos, na Casa da Menina para realizar trabalhos voluntários e ajudar quem precisa.

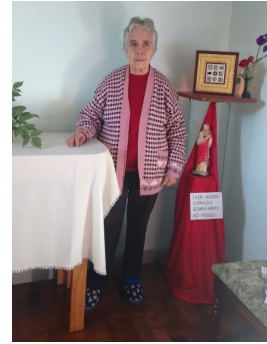
5. Na tua opinião, a religião no geral, separa ou une as pessoas?

Eu acho que é “uma faca de dois gumes”. Acabei de falar da questão do preconceito. A religião pode unir ou pode separar. Se existir preconceito acaba separando as pessoas e se houver principalmente respeito acaba tendo união. Eu tenho a minha casa aqui, mas eu sou unida com meu filho que te casa, há uma junção. Assim como existe nas outras religiões católica, evangélica, na espírita. Enfim, tem os dois lados da moeda.

6. Se você tivesse que voltar atrás em algum ponto da vida faria diferente? Quem você seria se não fosse a Luciana?

Eu sempre quis ser psicóloga e graças a Deus eu sou. Eu entrei para a religião desde criança. Minha família era umbandista e eu sempre participei. Mas eu entrei mesmo para a religião com onze anos. Com quinze eu abri um centro. Eu já “velhinha” e tem gente que me acompanha desde que eu abri. Então, sinceramente acho que eu não voltaria em nada.

Anexo 3



Entrevistado: Irmã Joanita

1. A senhora relatou no seu texto que cresceu em uma família com muito amor e com uma infância feliz. Como a senhor vê a situação atual das famílias principalmente no bairro Ivo Ferronato onde trabalha com a comunidade?

A situação atual é tão diferente que não dá nem para comparar. Quando eu tinha o tamanho de vocês (falou dos entrevistadores), eu morava em Santa Catarina. A gente era uma família numerosa, muito feliz, meu pai era uma pessoa alegre, ele cantava e a gente dançava em uma sala grande. Hoje a gente não vê esta situação nas famílias, a não sei no interior. Na cidade é diferente. São Famílias sem raízes. Elas foram chegando e formando estas comunidades. Mas é um povo bacana que eu me identifico, gosto de estar com eles e prometo trabalhar muito ainda.

2. Fale sobre seu trabalho e a importância dele para a cidade de Bagé.

Eu vejo hoje a importância por aquilo que acontece e que o povo vem me dizer, que me acolhe e diz “que bom que a senhora voltou”. Muitas manifestações de carinho e amizade por um trabalho que eu fiz. Eu não tinha pretensão que seria uma coisa assim. Hoje a gente vê que foi um trabalho bom por causada gratidão das pessoas. Eu morei treze anos seguidos aqui em Bagé e todo mundo me conhece. Isso ajuda no cuidado com as pessoas na questão da saúde. Eu sou massoterapeuta e visito muito as famílias, as pessoas idosas e isso ajuda a gente se tornar da família. Onde eu chego as pessoas me acolhem porque conhecem meu trabalho.

3. Na sua opinião, como está a situação de violência contra as crianças e a educação em nossa cidade?

Agora contra a criança e o adolescente, francamente a gente não vê tanta violência aqui. Um fato ou outro aqui e lá. Agora dentro dos lares acontece uma forma ou outra de violência, não de espancamentos ou de mortes, mas até de palavras. Muitas vezes lá na Pastoral da criança até cinco aninhos a gente faz a celebração da vida no dia da pesagem. Então essa formação eu e as irmãs que trabalhamos aqui procuramos dar para as crianças e para as mães para que não tenha violência em casa. E não é só com chinelo ou uma vara. A violência pode ser chamando por palavrões ou desejando coisas ruins para as crianças.

4. O que a experiência convivendo com os índios mudou na sua vida?

Foi uma experiência de vida muito grande principalmente para trabalhar com as crianças. Ver as crianças crescerem alegres traz vida pra gente. É isso que mudou.

5. Qual é seu grande sonho para o bairro Ivo Ferronato?

O bairro é uma construção constante, um bairro não se constrói hoje leva tempo. Eu sonho que aqui no Ivo Ferronato as crianças cresçam com saúde e educação, que não é só aquela que dá na escola. Não só com sabedoria daquilo que tá nos livros. O crescimento é tudo aquilo que a gente traz como pessoa. Eu desejo para o bairro Ivo Ferronato que todos possam crescer felizes e esperamos trabalhar muito ainda e ter ajuda de mais gente.

Anexo 3



Entrevistado: Adriana Gonçalves Ferreira

1. Lemos sua biografia e vimos que você está muito ligada a vida cultural da cidade. Fale sobre o que mais gosta e desperta interesse em tua cidade.

Eu gosto de tudo na cidade de Bagé porque eu nasci aqui, cresci aqui e quero morrer aqui. Acho Bagé uma cidade maravilhosa com muitas pessoas criativas na área cultural principalmente. Isso me atrai porque eu gosto de trabalhar na cultura. Quem trabalha na cultura são pessoas que sonham muito, sonham com um mundo melhor e esse desenvolvimento da cidadania que a cultura traz através das ações educativas. E Bagé sempre pensou e fez muita coisa na pintura, na cerâmica, na literatura, na música, nas artes cênicas, no cinema. Eu gosto de estar neste meio com pessoas que pensam como eu.

2. Como foi a experiência de trabalhar no longa metragem “O tempo e o Vento”?

Foi o primeiro longa que eu trabalhei, pois só tinha trabalhado com a publicidade, com curtas, documentários. Foi uma experiência muito interessante porque tinha uma diferença de cultura nas pessoas, na equipe. Tinha gente de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraíba, de Bagé, Porto Alegre. O filme foi muito longo e as pessoas ficaram juntas filmando todo dia. Foi difícil porque era uma carga de trabalho intensa. Eu trabalhei na arte onde junta todos os objetos que tu vê no filme. Deu muito trabalho, mas eu aprendi muita coisa em relação a roteiro, a produção, montagem de cenário. Me ajudou a aprender muita coisa e a ter contato com outras pessoas.

3. O que significa o Ponto de Cultura para ti e qual a sua importância para a cidade de Bagé?

Significa um passo importante na minha luta pela cultura. A gente conseguiu ser reconhecido como Ponto de Cultura e isso é muito importante na minha luta e no reconhecimento do meu trabalho junto com outras pessoas porque eu não trabalho sozinha. Foi um momento bem feliz e desafiador e para a cidade é muito importante ter um Ponto de Cultura porque é um local onde se encontram pessoas que pensam na cultura. Mas ele é mais do que isso, ele chega nas comunidades, nas escolas. O objetivo do Ponto de Cultura e trabalhar com a comunidade, a cultura se espalha e passa a viver com a cidade e com grupos. A cidade passa a crescer, a pensar culturalmente. Especialmente o Ponto de Cultura Pampa sem Fronteiras trabalha a questão da fronteira onde a gente tem a oportunidade de pensar esse lugar onde a gente vive pertinho do Uruguai.

4. Se sua vida fosse transformada em um filme, qual seria o título do filme e o que seria mais importante colocar no roteiro?

Olha que eu já pensei nisso (risos). Acho que daria um bom filme. A minha vida é muito dinâmica, eu tenho quatro filhas, trabalho. Eu acho que o filme da minha vida chamaria “Mãe de quatro. Eu sempre penso nisso porque não é fácil ser mãe de quatro filhas. E esse filme trataria da minha vida desde pequena e como minha vida foi acontecendo, foi se transformando. Como essa coisa da maternidade veio pra mim...” e veio de novo, e veio de novo”. Eu acho que esse filme mostraria isso, a minha vida na adolescência quando eu fui mãe cedo e depois na outra etapa quando eu fui mãe madura.

5. Quais são os maiores desafios de trabalhar com a cultura e a arte em Bagé?

Eu acho que todo mundo que trabalha com a cultura e com a arte vai te dizer a mesma coisa, que é trabalhar sem recursos financeiros e sem dinheiro pra fazer cultura. Cada coisa que a gente sonha em fazer tem que se juntar com pessoas que também querem fazer, mas a gente nunca tem dinheiro para fazer a realização destes projetos.

Anexo 3



Entrevistado: Valesca B. Irala

1. Fale sobre tua paixão pelo espanhol e o inglês.

Quando eu era novinha aqui em Bagé tocavam muitas músicas em espanhol. Então eu queria ir para as festas, me exibir, cantar as músicas. Eu comecei a estudar espanhol, por isso e me apaixonei. O inglês eu estudei quando era pequena também. Eu nunca tive uma paixão muito grande pelo inglês como eu tinha pelo espanhol. Mas hoje, eu também gosto bastante do inglês porque aqui na Unipampa desde 2014 a gente recebe moças que são americanas e que vem ajudar nós e os alunos da universidade a melhorar o inglês. Eu também tenho outra amiga que veio dos Estados Unidos morra em Bagé e que me mostrou que a língua inglesa pode ser legal também. Eu gosto tanto de línguas porque quando sabemos estas línguas se falam em outros países a gente pode se comunicar com muitas pessoas e conseguimos ter muito mais amigos, de todos os lugares.

2. A gente leu também que desde 2012 você tem um compromisso de ajudar os cães de Bagé. Por que você gosta tanto de cachorros e o que te motivou a ajudar aqueles que vivem nas ruas?

Quando eu era criança a minha mãe nunca me deu um cachorro. Então aos quatorze anos uma amiga da minha mãe me deu um filhote. Só que como ela cavava toda a horta que tinha, a minha mãe acabou dando a cadelinha. Eu me senti muito sozinha quando resolvi comprar um cachorrinho. Só que eu comecei a observar que aqui na volta da Unipampa quando era tudo campo, que os cachorros andavam todos por aqui, não tinham donos e precisavam que alguém alimentasse. Alguns professores, técnicos e alunos começaram a alimentar que foram abandonados. Isso tá errado porque são seres vivos e merecem todo o cuidado. Como eu sempre ajudei desde 2012 a cuidar os cachorros aqui na Unipampa eu resolvi no início desse ano pegar as coisas que já não gostava mais e não usava e fazer uma ação de colocar pra vender na casada minha mãe a as pessoas irem até lá buscar estas roupas e coisas em troca de ração de boa qualidade. A gente alimenta eles porque merecem todo o cuidado como uma criança também merece.

3. Como se sente sendo professora na Unipampa e tendo participado de sua criação? Quais são seus desafios neste trabalho?

Bem no início a Unipampa era um escritório lá no colégio de vocês (refere-se ao colégio São Pedro). De uma salinha, ter um prédio grande como esse, ter tantas outras coisas e ter em outras cidades (refere-se a Unipampa). Eu me sinto muito feliz de ter visto tudo isso e também por ver tantas pessoas se formando, trabalhando e ajudando outras pessoas. Quando a gente estuda pra ser professor é muito bonito ver os alunos que a gente forma depois indo para as escolas e trabalhando com as crianças. É muito gratificante trabalhar com gente, eu não gosto de rotina! Eu gosto de cada dia fazer uma coisa diferente, cada dia eu faço algo diferente aqui dentro. Então, eu me sinto muito feliz trabalhando aqui e meu sonho é que mais pessoas da cidade venham estudar aqui. A razão de uma universidade existir é ter alunos, é ter gente que gosta de estudar.

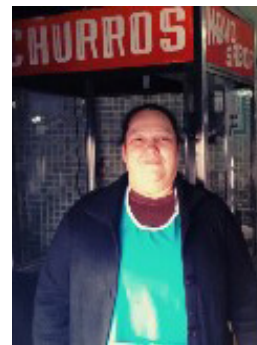
4. Qual a importância de teu trabalho para Bagé? O que pensas sobre a cidade em relação a presença da universidade?

Eu já dei aula para muita gente daqui. Antes de trabalhar aqui na Unipampa eu era professora em escolas. Eu me sinto responsável por valorizar o espanhol, por valorizar esta cultura porque aqui no Rio Grande do sul tem um cultura muito próxima com os países vizinhos que falam espanhol. Aqui em Bagé também, tanto que somos conhecidos por "Rainha da Fronteira". Temos que aprender a olhar para os lugares que a gente tem aqui na volta e reconhecer que somos muito privilegiados porque em outros lugares do mundo não temos a paz que existe aqui, há guerras, as pessoas não podem atravessar as fronteiras porque elas são fechadas.

5. Você tem algo que ainda não realizou na tua vida profissional? Conte.

Eu tenho 36 anos e tenho mais vinte anos para trabalhar. Isso é muita coisa! E se a gente acha que não tem mais nada para realizar, se desmotiva. Uma das coisas que eu gostaria de realizar na minha vida profissional é que aqui no nosso campus pudesse ter um Mestrado e um Doutorado acadêmicos porque tem muita gente que não é professor e gostaria de fazer estes cursos. Eu acho que eu tenho um pouquinho de liderança. Quando eu tiver uns cinquenta anos por aí, eu gostaria de fazer alguma coisa dentro da Unipampa relacionada a gestão da universidade porque eu já vou ter mais experiência e já vou ter trabalhado bastante tempo para poder ser uma boa gestora da universidade e ajudar que as pessoas aqui dentro se sintam mais felizes em trabalhar aqui.

Anexo 3



Entrevistado: Tia Gorda-comerciante e vendedora de churros

1. Sabemos que você veio de Candelária, longe daqui. Qual a importância do teu trabalho para Bagé? Por que escolheu nossa cidade para morar?

Eu namorava um rapaz de Candelária também e ele veio trabalhar aqui. Quando nós casamos ele achou Bagé melhor que a minha cidade que era muito pequena. Quando eu cheguei aqui já estava trabalhando com a máquina de churros.

2. Como surgiu o apelido de Tia Gorda? Nunca te incomodou com ele?

Logo que eu comecei a trabalhar aqui eu trabalhei grávida do meu primeiro filho que tem 36 anos hoje. Como eu estava muito gorda, as crianças diziam “gorda”, “gorda”. As mães diziam pra elas que eu estava esperando um nenê. Aí elas me chamavam de tia e automaticamente emendou para Tia Gorda. Eu nunca fiquei brava porque não era um gorda de xingamento. Era um gorda carinhoso e foi dado por crianças.

3. Seus churros são considerados os mais gostosos e famosos de Bagé. Qual o segredo para vender bem e atender bem o público?

Primeira coisa, eu não gosto de ficar sozinha. Eu gosto de bastante gente em roda de mim. Muitas vezes eu puxo as pessoas até para não parar de falar porque eu gosto de conversar. Os churros no começo foi meu sustento, do meu primeiro filho e do meu marido. Então, eu fui pegando amor. Além de ser meu sustento, eu quero que as pessoas gostem e voltem a comprar de mim.

4. Se você não fosse vendedora de churros, seria quem?

Quando eu estava estudando eu sempre tive vontade de trabalhar com alguma coisa que lidasse com história. Eu gosto muito de datas e números. Só não gosto de Matemática. Gosto de datas que significam alguma coisa.

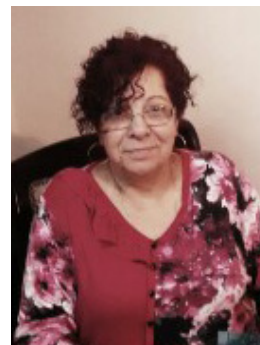
5. Você se sente uma pessoa realizada na vida? O que você faria diferente na tua vida pessoal e profissional?

Na profissional eu faria tudo de novo porque eu fui muito feliz com o tipo de coisa que eu comecei a trabalhar, pela amizade, pelo carinho que eu tenho. Eu me sinto orgulhosa nestes 38 anos que eu trabalho de ter conhecido várias pessoas, crianças que me apelidaram de Tia Gorda. Hoje as primeiras pessoas que eu vendi estão me trazendo os netos e eles me chamam de vó agora. É um orgulho.

6. Na sua opinião, o que falta para nossa cidade ser melhor em relação ao comércio e serviços com o público?

A pessoa que trabalha com o comércio tem que gostar do que faz. É muito difícil trabalhar com público diferente. Precisa ter mais incentivo dos órgãos públicos para quem aguentou e ainda está aguentando esta crise.

Anexo 3



Entrevistado: Marilene Alagisa Azevedo-escritora

1. Como foi viver em um orfanato quando criança? Conte esta experiência.

Foi uma experiência solitária, uma experiência fria. Tu tem atenção, mas não o amor que necessita. Foi completamente estranho. Uma coisa que tu sentes um vazio muito grande e solidão.

2. Você é apaixonada pelas palavras. Como se sente sendo escritora?

Sou apaixonadíssima. Sempre tem uma palavra nova, uma palavra diferente pra quem escreve.

3. No seu olhar artístico, como você vê a cidade de Bagé?

Acabei de colocar um texto na internet, tirei as fotos das casas antigas que hoje não tem mais. Muita coisa em Bagé tá se acabando com o tempo. Bagé precisa de renovação, precisa manter a sua história e infelizmente temos que despertar o povo para isso.

4. Bagé um município rico em cultura. Quais são os maiores desafios para se conservar a história a cultura da cidade?

É o povo se conscientizar que nós podemos nos unir, que a cultura não é só para alguns, é para todos. Apenas isso.

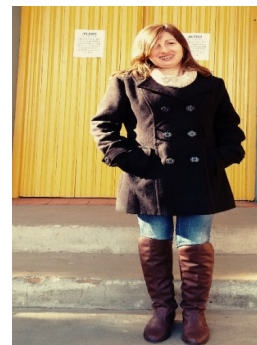
5. Você termina sua biografia dizendo que ainda vai se conhecer. Por quê?

Porque eu ainda não me conheço, ainda não sei do que eu sou capaz. Nenhum de nós sabe e todos os dias nós vamos nos descobrindo. Eu posso fazer muitas coisas ainda e enquanto existir este pensamento, pode ter certeza que eu estou muito viva.

6. Se você tivesse que contar sua vida em uma pequena frase, qual seria?

“Apesar de todas as lutas e batalhas eu jamais vou desistir. Simples assim.”

Anexo 3



Entrevistado: Helena Vieira Brião-professora de anos iniciais

1. Lemos que você é apaixonada por alfabetizar crianças. Qual é o maior desafio de ensinar a ler e escrever?

O maior desafio de ensinar a ler e escrever é criar no aluno uma vontade de buscar. Aprender no jogo, no lúdico, na brincadeira e em atividades que sejam prazerosas porque neste mundo perturbado em que a gente vive e com falta de estrutura da família as crianças chegam desmotivadas. Então, preciso buscar junto com elas a vontade de ler e escrever.

2. Qual foi a experiência inesquecível que você teve como professora? Relate.

A melhor memória que eu tenho é quando trabalhava em uma escola particular e tinha um aluno que não se relacionava com ninguém, nem com os colegas e nem comigo. Ele não mostrava carinho. Aí, na metade do ano eu tive problemas financeiros e pedi pra sair. Quando eu avisei a turma me surpreendeu porque perto do recreio saiu todo mundo da sala e eu achei que ele estava procurando alguma coisa para levar para o recreio. Eu pedi para que ele saísse da sala e ele veio me dizer que estava triste porque todas as pessoas que gostava iam embora.

3. Você tem projetos de voltar a estudar e retomar coisas que você desistiu, como a Educação Física?

Olha, por vezes sim e outras não. Agora já estou em uma idade mais avançadinha para retornar a estudar Educação Física, mas o mestrado eu pretendo fazer na área da alfabetização.

4. Como você avalia a questão da educação no município de Bagé? Quais são os maiores desafios em tua profissão?

A educação no município de Bagé tá tranquila. Temos desafios porque dentro da profissão hoje em dia a gente lida com indisciplina dentro da sala de aula e com estas questões de aprendizagem onde os alunos encontram mais desafios.

5. O que não pode faltar na vida profissional de quem quer ser professor hoje?

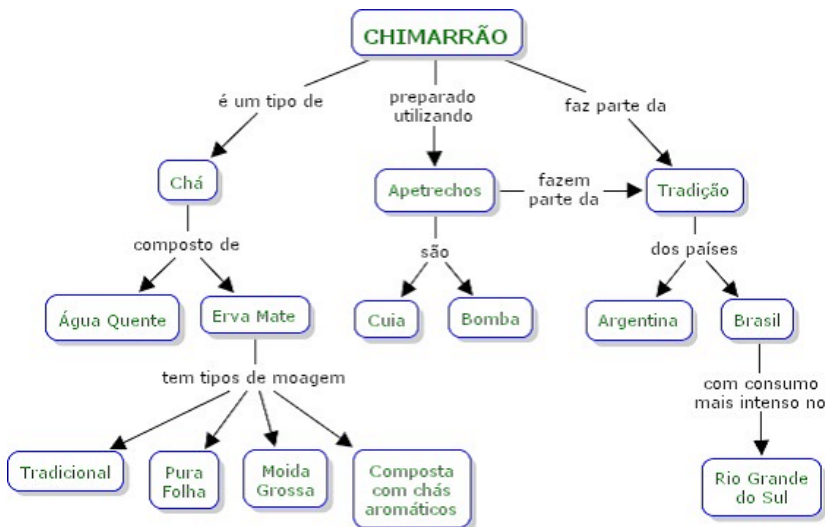
Vou resumir em uma palavra só: perseverança. Assim que tu chega em uma sala de aula encontra alunos geralmente muito indisciplinados e precisa perseverar para não desistir e procura ter certeza que tudo vai mudar e assim aos pouquinhos atinge um bom trabalho.

Anexo 4

MAPA CONCEITUAL: PASSOS

1. Inicialmente vocês devem identificar alguns conceitos gerais e outros específicos relacionados ao que tratamos nas aulas (o que trabalhamos em cada unidade)
2. Estes conceitos (informações, palavras) devem ser listados com a participação de todos no caderno
3. Agora, vocês começam o mapa conceitual ordenado de cima para baixo, isto é, do maior conceito (mais geral) ao menor
4. A partir disso, monta-se o mapa com os conceitos ordenados por ligações e com as imagens recebidas. Use cores no mapa
5. Ao final da elaboração do mapa com as imagens e conceitos representados, todos devem ler o mapa produzido procurando explicar oralmente e verificar se as representações estão na ordem correta
6. Procurem analisar em seu grupo ao ler o seu mapa, o que aprenderam nas aulas para apresentar aos colegas.

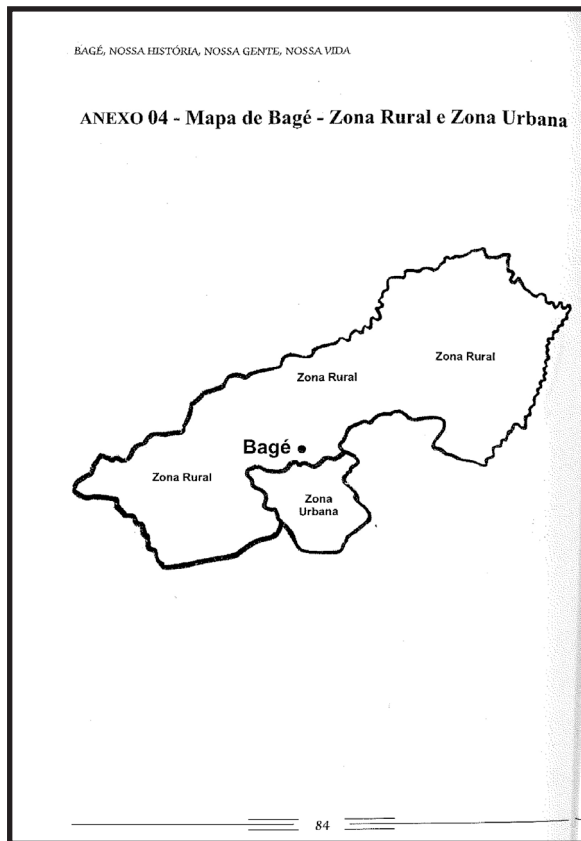
Adaptado de: NOVAK e GOWIN (1996 apud MARTINS, 2009, p.7)



Exemplo de mapa conceitual sobre Chimarrão (por SILVA, Márcio R. M.) em (SILVA e GELER 2007, p.4)



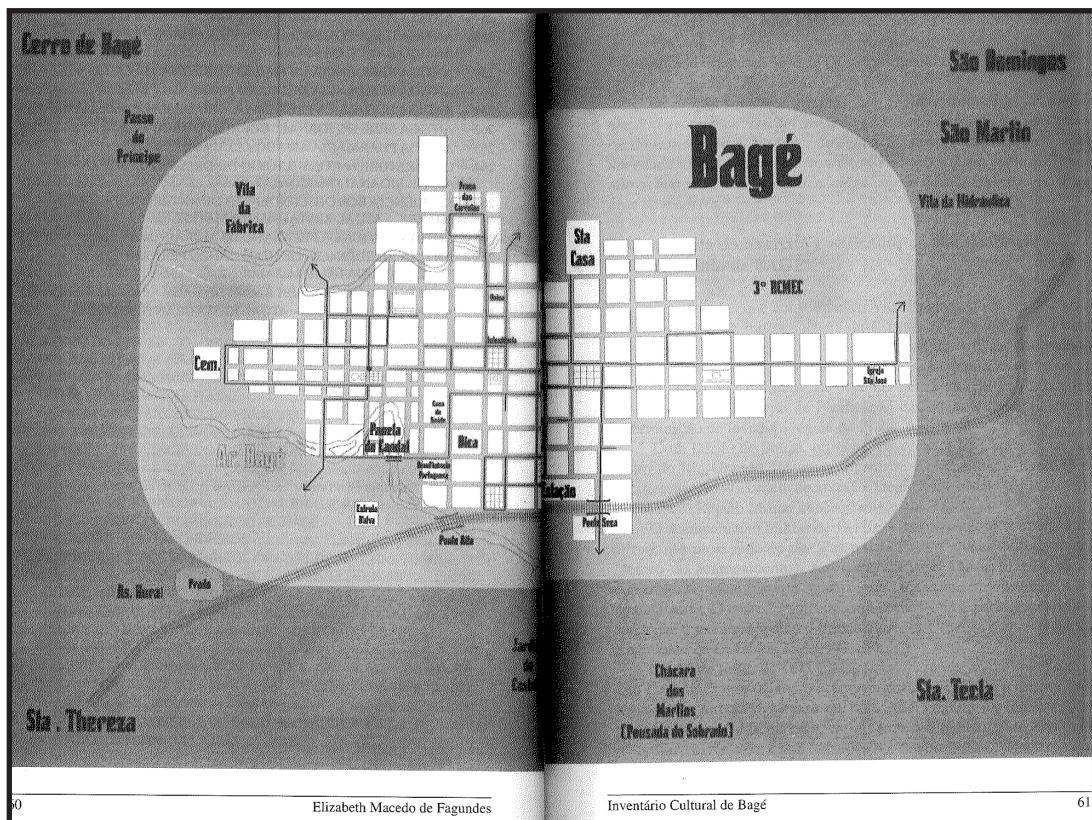
Anexo 5



Do livro: Bagé, Nossa História, Nossa Gente, Nossa Vida - Pag 84



Do livro: Bagé, Nossa História, Nossa Gente, Nossa Vida - Pag 83



Do livro: Bagé, Nossa História, Nossa Gente, Nossa Vida - Pags 60 e 61